

APRESENTAÇÃO

Aparecida Negri ISQUERDO*
Elizabeth Aparecida MARQUES**
Marilucia Barros de OLIVEIRA***

As línguas podem ser investigadas sob diferentes aspectos teóricos e metodológicos. No entorno de ciências como a Dialetoлогия e a Sociolinguística, fatores inerentes à variação linguística em distintos contextos geográficos, sociais e culturais se sobressaem em processos de análise, descrição, registro das línguas a partir de diferentes perspectivas teóricas. Destarte, a depender das intenções investigativas, faz-se necessário buscar epistemologias em outras áreas de conhecimento, como forma de sustentar teórica e metodologicamente o estudo em questão.

O volume 65 da Revista Moara, dossiê temático “Dialetoлогия e Sociolinguística”, organizado Aparecida Negri Isquierdo (UFMS/CNPq), Elizabeth Aparecida Marques (UFMS) e Marilucia Barros de Oliveira (UFPA), também teve como propósito abrigar artigos que se configuram como produto de trabalhos apresentados em modalidades previstas na programação do VI CIDS - Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística, evento vinculado ao Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, no período de 07 a 10 de novembro de 2022. O Congresso teve como objetivo promover ampla discussão acerca de questões relacionadas à variação linguística nos seus diferentes níveis e suas implicações na definição de políticas linguísticas que valorizem os contatos interculturais, a pesquisa e o ensino. Este volume temático reúne, pois, artigos

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista/UNESP (1996). Pesquisadora Sênior no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens/FAALC/UFMS. Bolsista Produtividade - CNPq.

** Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Alcalá, Espanha (2007). Professora titular da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Chefe da Editora UFMS e líder do Grupo de Estudos em Fraseologia.

*** Professora titular do Instituto de Letras da Universidade Federal do Pará. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPA. Diretora do Comitê ALiB. Colíder do grupo GEOLINTERM.

inéditos que abordam estudos que versam abordagens distintas da variação linguística no português brasileiro e europeu, de contatos entre o português tanto com línguas indígenas quanto com o espanhol em áreas de fronteira.

Esta edição da Revista Moara reúne quinze artigos, onze deles relacionados à temática do dossiê e quatro de temas livres. Os onze artigos que versam sobre variação linguística em diferentes níveis distribuem-se em dois blocos: i) estudos fonético-fonológicos e morfológicos e, ii) estudos lexicais. Ao primeiro grupo associam-se quatro artigos e ao segundo, sete. Os quatro artigos de temáticas livres vinculam-se a áreas dos estudos discursivos, semântico-pragmáticos, funcionalistas e culturais.

A apresentação dos artigos vinculados à temática do dossiê considerou, pois, os diferentes níveis da língua, iniciando sua exposição pelos mais elementares, o fonético-fonológico e o morfológico, seguido dos que abordam questões relacionadas ao léxico da língua. A ordem de apresentação dos artigos, no âmbito de cada agrupamento, tomou por base o critério alfabético do título do trabalho, sistemática de organização adotada no Sumário.

Seguindo, pois, esse viés de raciocínio, esta edição da Revista Moara reúne três artigos sobre variação fonética com enfoque nos seguintes fenômenos: monotongação, palatalização e fenômenos fonéticos em fronteira de palavras nos dialetos portugueses. Os dois primeiros se baseiam no protocolo da Sociolinguística Variacionista de William Labov, enquanto o terceiro analisa dados dialetais disponíveis no Arquivo Sonoro do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza.

O artigo de autoria de Azevedo e Oliveira, **A monotongação dos ditongos orais decrescentes no falar manauara**, segue o protocolo da Sociolinguística Quantitativa, nos termos de Labov (2008 [1972]); Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]). Nele descreve-se a variação dos ditongos orais decrescente /aj/, /ej/ e /ow/ no falar manauara, focalizando a monotongação desses ditongos como aplicação da regra. Os dados foram obtidos por meio de diferentes instrumentos de coleta de dados, tais como: entrevista sociolinguística, aplicação de questionário fonético-fonológico e leitura de textos. A amostra foi composta de dados de 16 informantes da zona urbana de Manaus. Os resultados gerais mostraram que, para /aj/, a monotongação é bem reduzida na fala

manauara; para /ej/, a redução do ditongo é mais produtiva, ou seja, está em concorrência com a manutenção do ditongo; já para /ow/, a monotongação ocorre de forma bastante frequente, o que revela que a estrutura desses ditongos interfere sobre a monotongação.

Na sequência, o artigo **Fenómenos fonéticos em fronteira de palavra nos dialetos portugueses**, assinado por Segura, discute resultados de um estudo que se propôs a descrever fenômenos que ocorrem em contextos de ocorrência de inserção de semivogais para evitar o hiato entre vogais e a alteração de timbre de uma ou das duas vogais em contacto, com ou sem o mesmo objetivo. Com base na observação de dados do Arquivo Sonoro do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza cuja rede é constituída por 212 pontos de inquérito, repartidos por Portugal continental, arquipélagos dos Açores e da Madeira e alguns pontos em Espanha, em localidades fronteiriças, o texto descreve e caracteriza os contextos de ocorrência dos fenômenos analisados, além de demonstrar, paralelamente, a extensão geográfica de cada caso analisado em Portugal e na Galícia por meio de mapas.

Fechando o agrupamento de textos que versam sobre fenômenos fonéticos, o artigo **Palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Santana do Ipanema**, de autoria de Pelayes, apresenta resultado de pesquisa sobre a palatalização progressiva, isto é, aquela que ocorre quando o gatilho do fenômeno se encontra à esquerda do fonema que palataliza, como em mui[tj]o e doi[dʒ]o. A pesquisa segue a orientação da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]). Para a coleta de dados foram utilizadas: leitura de enunciados curtos, leitura de textos curtos e entrevista. São avaliadas no estudo variáveis externas e internas, para aferição da atuação dessas variáveis sobre o fenômeno. A análise se pauta em percentuais e pesos relativos emitidos pelo pacote de programas Goldvarb X. Os resultados obtidos apontam, entre outros, para o uso mais frequente da regra de palatalização entre os informantes mais velhos, indicando que o fenômeno pode estar em processo de mudança, em favor da não palatalização, uma vez que a população mais jovem faz menos uso da variante palatalizada.

Em se tratando de estudos acerca de fenômenos morfológicos e fechando o primeiro conjunto de artigos, segundo o viés de organização adotado, o trabalho **As expressões pronominais “esse(a) um(a)”, “aquele(a) um(a)” e o contato linguístico entre variedades vernaculares de português amazônico com enfoque nos Tembé do**

Guamá, assinado por Campos e Jucá Acácio, toma por base dados de comunidades tradicionais localizadas na Amazônia: indígena e quilombolas para tratar do uso das expressões “esse um”, “essa uma” “aquele um” “aquela uma”, largamente utilizadas, segundo os autores, em variedades de português faladas em comunidades tradicionais da Amazônia, dando destaque especial ao uso na variedade falada pelos Tembê do Guamá. Os autores oferecem informação histórica e etnolinguística sobre duas comunidades quilombolas (Narcisa e Jurussaca) e da comunidade indígena mencionada, no sentido de argumentar em favor de um português afro-amazônico. Além disso, usam como argumento para sua hipótese o quadro de clíticos do PB, registrado em Castilho (2010), bem como argumentos encontrados em Galves (2011). Para além das características morfossintáticas desses itens linguísticos, destacam o contato linguístico por meio do qual teriam se desenvolvido os aspectos etnolinguísticos da variedade vernacular de português dos Tembê. Os autores comparam resultados encontrados na comunidade indígena Tembê com os registrados nas duas comunidades quilombolas mencionadas para afirmar sua proposta.

Conforme o anunciado, o segundo bloco de artigos publicados neste dossiê temático também reúne estudos sobre o léxico em diferentes perspectivas. Os sete trabalhos que abordam aspectos de descrição lexical focalizam os seguintes temas: a relação entre léxico e história social a partir de dados geolinguísticos; inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre e possibilidades para o estudo da variação lexical; gírias no ensino de língua espanhola à luz da variação linguística; a toponímia, discutindo a influências do tupi na toponímia do município de Vigia de Nazaré/PA, antes da chegada dos colonizadores portugueses na região amazônica; unidades fraseológicas no vocabulário da culinária na região Nordeste do Brasil; variação do léxico do português falado por indígenas tembê da terra indígena turé-mariquita e, por último, a variação léxica na fronteira do Brasil com a Bolívia. A apresentação dos trabalhos deste segundo bloco de textos, a exemplo do anterior, seguiu a ordem alfabética dos títulos dos artigos.

O primeiro texto, **Geolinguística, léxico e história social: o que revelam os itens lexicais ligados à ideia de morte em dados do ALERS?**, assinado por Robbin e Romano, à luz dos estudos dialetológicos, geolinguísticos e lexicais e com base em dados da língua falada na região Sul do Brasil, documentados entre 1980 e 1990 para o Atlas Linguístico-

Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (Altenhofen *et al.*, 2011), realizaram a recartografia de cartas linguísticas do ALERS e discutiram a configuração de territorialidades linguísticas com base no vocabulário dos falantes entrevistados. O estudo pauta-se em estudiosos como Altenhofen (2002; 2006), Margotti (2004); Isquerdo (2006; 2009); Seabra (2015), Robbin (2022). Para tanto, os autores analisaram unidades lexicais obtidas por meio de três questões semântico-lexicais do ALERS que buscaram denominações para “assombração”, “cova” e “túmulo”. O estudo identificou a presença de dois grandes falares na Região Sul do Brasil, um deles de abrangência paulista, com grande influência no Paraná, área na qual predominam itens lexicais como *sepultura*, *túmulo*, *assombração* e *visagem*. Na área paulista-paranaense a pesquisa identificou também dois subfalares na área paulista-paranaense, o falar do *Paraná Moderno* e o falar do *Paraná Antigo*, demonstrando que os rastros do homem e da sua intervenção no espaço físico e social são eternizados na cultura e materializadas no léxico da língua falada pelo grupo.

O artigo **Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre: possibilidades para o estudo da variação lexical**, produzido por Sousa e Garcia, por seu turno, descreve os procedimentos adotados para a criação do banco de dados do Projeto “O Inventário de Libras da Região de Rio Branco, Acre”, cujo objetivo geral é constituir um conjunto de dados sobre a Língua Brasileira de Sinais falada pela comunidade surda da capital acreana. Além de descreverem os procedimentos metodológicos adotados na coleta de dados, os autores mostram como o banco de dados construído pode ser utilizado, tanto como fonte para pesquisas sobre variação lexical em Libras, quanto para estudos comparativos com dados de outros bancos de dados, considerando que o projeto adotou uma metodologia também usada em outros Inventários de Libras já constituídos e estudos como os de Sousa *et al* (2023), Quadros *et al* (2020), dentre outros.

Na sequência, Souza Xavier, Marques Sobrinho e Almeida Baronas, no artigo **Pega a visão: gírias no ensino de língua espanhola à luz da variação linguística**, apresentam uma reflexão sobre a exploração de memes da rede social Instagram em atividades de ensino e aprendizagem de língua espanhola para alunos brasileiros, com foco principal na discussão sobre o tratamento das gírias em sala de aula. Orientam o estudo contribuições teóricas de Camacho (2011); Faraco (2002; 2008) e Barbosa (2017).

Considerando as gírias como unidades lexicais que evidenciam marcas socioculturais e identificam indivíduos em relação a determinados grupos sociais, o estudo fundamenta-se em pressupostos teóricos sobre a variação linguística e o ensino de línguas. A pesquisa é de natureza aplicada e ancora-se na metodologia qualitativa. Os resultados indicam que abordar memes de redes sociais de modo reflexivo, à luz de estudos sobre variação linguística, oferece possibilidades de discussão sobre questões de norma, de prestígio e preconceito linguístico, de variedade-padrão e adequação a diferentes situações comunicativas, além da linguagem empregada na comunicação mediada pela internet.

Já o artigo **Toponímia vigiense: a presença do tupi na toponímia de Vigia de Nazaré-PA**, assinado por Santos e Rodrigues, focaliza influências do tupi na toponímia do município de Vigia de Nazaré, localizado no Nordeste do Pará que, antes da chegada dos colonizadores portugueses na região amazônica, abrigou a aldeia indígena *Uruitá*, do povo tupinambá. O estudo, pautando-se em Dick (1990a; 1990b), Santos (2019), Andrade (2010), Isquierdo (2016) e Rodrigues (2015), analisa fatores motivacionais que podem ter influenciado a escolha de topônimos tupi para nomear os acidentes geográficos da área investigada. Segundo as autoras, o nome do município originalmente denominado *Uruitá*, por influência da colonização lusa, passou a ser nomeado de Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré (1693) e, mais tarde, para Vigia de Nazaré. As autoras analisam 78 topônimos desse município, nomes de comunidades, rios e igarapés, dentre os quais 40 são de base tupi e os demais do português, incluindo topônimos híbridos, compostos de base tupi e português. Em síntese, o estudo toponímico demonstrou que a relação entre língua e cultura na toponímia e os topônimos de origem tupi analisados apontam, segundo as autoras, para formas de resistência ao silenciamento histórico ocorrido em relação às línguas e culturas indígenas no Brasil.

Também com foco no nível lexical, o artigo **Unidades fraseológicas da culinária do Nordeste**, de autoria de Razky e Takano, discute resultados preliminares de um estudo que teve como objetivo a documentação e descrição de um recorte de doze unidades fraseológicas da culinária da região Nordeste do Brasil. Com base em pressupostos teóricos da Fraseologia e da Lexicografia (Ahmed; Omer (2017; Bussmann (2006); Ferreira; Almeida; Correia (2013); Sinclair (2004); Xavier (2011) e seguindo as

orientações do projeto Dialetopédia - Variação Lexical no Português, os autores oferecem uma amostra de dois verbetes de unidades fraseológicas da culinária nordestina, *arroz de cabidela* e *baião de dois*. Os resultados apontam a importância de tratar a culinária num glossário que contemple a variação dialetal do português brasileiro, por meio de uma microestrutura de verbete que forneça informações enciclopédicas como origem da unidade lexical, aspectos culturais, exemplo de receita, além de outras informações contextuais, que possam permitir a compreensão do universo da unidade lexical de forma mais ampla.

Na sequência, o artigo **Variação no léxico do português falado por indígenas também da terra indígena turé-mariquita**, assinado por Guedes, discute resultados de estudo sobre a variação semântico-lexical do português em contato com a língua falada por indígenas Tembé moradores de três aldeias da Terra Indígena Turé-Mariquita, situada no município de Tomé-açu/PA. Para tanto, o autor adota princípios teóricos da Geolinguística (Razky, 1998; Guedes, 2017) e da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (Radtko; Thun, 1996). Os dados do projeto Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acaraú (ALEVA) foram cotejados com os do Atlas Léxico Semântico do Pará (ALeSPA e do Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI), para fins de cartografia de denominações como *gambá/mucura*, *galinha de angola/picote*, *penca*. Os dados das três comunidades indígenas, analisados pelo autor, evidenciaram que o léxico do português falado na terra indígena selecionada aponta para a existência de um contínuo de fala em relação ao português regional.

Finalizando o conjunto de artigos que abordam aspectos relacionados ao fenômeno da variação linguística no nível lexical, Silva aborda a questão da ***Variación léxica en la frontera brasileña-boliviana: la influencia del portugués en el vocabulario matieño***, discutindo resultados de um estudo que teve como objetivo descrever e analisar a influência do português brasileiro no léxico de San Matías, município boliviano que faz fronteira com Cáceres, em Mato Grosso, Brasil. A pesquisa fundamenta-se em princípios teóricos e metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional proposta por Thun (1998) e teóricos como Cuéllar y Yavari (2008); Silva (2022); Januário (2004); Silva (2012); Di Renzo (2005); Araújo; Puhl (2016); Bisinoto (2007); Silva (2022), ainda

que, no recorte apresentado, o autor se centre na variação diatópica, pois mapeia as variantes lexicais registradas em San Matías, considerando o contato com o português brasileiro na zona urbana e rural. Os resultados apontam, entre outros aspectos, a diversidade lexical do espanhol matienho, decorrente de empréstimos lexicais tomados do português brasileiro, os quais sofreram processos de adaptação, transformação ou manutenção de suas formas.

Por fim, este número da revista, na seção de temas livres, abriga quatro trabalhos produzidos segundo perspectivas teóricas distintas.

O primeiro artigo vinculado ao bloco de tema livre, **A lente decolonial: por um letramento ideológico e um exercício decolonial em tempo integral na escola**, produzido por Ricardo, discute a necessidade da prática da lente decolonial em tempo integral nas escolas, tomando como ponto de partida um episódio de pichamento do muro de uma escola pública de Minas Gerais com frases racistas. O texto, pautando-se em teóricos como Sússekind; Coube (2020); Gomes (2019); Mignolo (2017); Santos (2010); Moura (2005), dentre outros, discute a importância de reflexões acerca da questão de letramento(s) e o exercício decolonial como metas urgentes nas escolas brasileiras, particularmente as públicas, com destaque para a questão racial, buscando a compreensão e a concretização da “legitimidade do negro epistemologicamente”, o que, segundo defende o autor, só se concretizaria por meio de um letramento crítico e do reconhecimento das fragilidades da escola e, por extensão, do professor, dos alunos e do currículo, razão pela qual a questão racial e outras pautas decoloniais, tratadas no âmbito curricular, contribuiriam para preservar a humanização e diminuir a desigualdade social.

Por sua vez, o trabalho **Construções relacionais de fingimento e sua natureza semântico-pragmática disfórica/eufórica**, de autoria de Rodrigues-Pinto, discute resultados de um estudo que teve como objetivo descrever os aspectos semântico-pragmáticos do predicativo atributivo da construção relacional de fingimento [Suj+V_{rel}(+uma)+Predt]↔[estado fingido], no português brasileiro, com slot verbal preenchido pelos verbos *dar* e *pegar*, mais especificamente a natureza eufórica na atribuição de aspectos positivos e a natureza disfórica na atribuição de aspectos negativos dessas construções. O trabalho está ancorado no escopo teórico-metodológico dos

Modelos Baseados no Uso de Kemmer e Barlow (2000) em interface com a Gramática de Construções de Goldenberg (1995, 2006), além de considerar preceitos cognitivistas de Bybee (2016). Nesse viés, o estudo considera a construção como unidade básica de análise em seu contexto de uso efetivo. Os resultados evidenciam, entre outros, que a intersubjetividade é pragmaticamente inferida no contexto e que os processos cognitivos de domínio geral, como a categorização e a memória enriquecida atuam na formação das representações de experiências linguísticas.

Na sequência, Ribeiro e Soares, no artigo **Fronteira e territorialidades amazônicas: processos de construção de autoria**, tomando como fio condutor a noção de dupla mobilização do conceito de fronteira e pautando-se na perspectiva interdiscursiva, analisa os poemas que compõem a antologia poética “100 poemas e prosas por Marabá” (Soares e Souza, 2016), publicada por ocasião do centenário da cidade de Marabá/PA, localizada na Amazônia oriental brasileira. Os autores, tomando como referência autores como Assis (2007), Penalva (2012), Porto-Gonçalves (2006), Foucault (2009), Deleuze e Guattari (2017), se propuseram demonstrar, com base em índices linguísticos, que a poética fronteiriça evidencia processos distintos de autoria que, por sua vez, trazem à baila injunções históricas, trajetórias sociais e condições de produção. O artigo também destaca que a análise dos poemas selecionados permitiu a apreensão do trabalho de controle da autoria, destacando que “a literatura menor” é resultado da junção de “restos colhidos nas margens” com sentidos vagamente percebidos e dificilmente apreendidos.

Fechando a publicação, o artigo **O funcionamento semântico-enunciativo da expressão língua materna em dissertações de mestrado em educação defendidas entre 2020 e 2021 na Universidade Lueji A`Nkonde, Angola**, de autoria de Mesquita e Barzotto, discute resultados de um estudo que objetivou analisar os sentidos mobilizados por estudantes do mestrado em Educação da universidade angolana Lueji A`Nkonde ao usar a expressão *língua(s) materna(s)* em suas dissertações. Buscou, ainda, compreender as formações ideológicas subjacentes ao discurso de pesquisadores brasileiros ao empregar essa mesma expressão. Os autores adotam uma abordagem semântico-enunciativa e a pesquisa se fundamenta nos pressupostos teóricos de Pêcheux (1988; 2010), que concebe a língua como estrutura e acontecimento, sendo este último

um elemento central na determinação histórica dos processos de significação. Os resultados indicam que pesquisadores brasileiros e angolanos atribuem sentidos distintos à expressão *língua materna*, já que o angolano se mostra mais suscetível a perceber e compreender o plurilinguismo de seu país do que o brasileiro.

Como se pode constatar, é ampla a gama de artigos que compõem este dossiê. Os espaços cobertos pelas pesquisas desenvolvidas evidenciam um alcance importante para a área, já que, em décadas passadas, não eram abordados por pesquisas linguísticas, como comunidades tradicionais, bem como línguas de sinais, que são contemplados na presente edição.